TOPOFILIA E EXPRESSÕES IMAGÉTICAS SOBRE O TURISMO: CONTRIBUIÇÕES E PERSPECTIVAS DA COMUNIDADE QUILOMBOLA DA RASA (ARMAÇÃO DOS BÚZIOS – RJ)

DOI: 10.12957/synthesis.2023.78926

MILENA MANHÃES RODRIGUES[*]
RENATO DE OLIVEIRA DOS SANTOS[**]
YASMIN XAVIER GUIMARÃES NASRI[***]
SIDNEI RAIMUNDO[****]

Resumo: Esta pesquisa teve como objetivo investigar o turismo e a relação afetiva da comunidade quilombola local com o território da Rasa, em Armação dos Búzios (Rio de Janeiro), a partir de fotografias participativas, com foco nas imagens associadas ao território dessa comunidade. A metodologia utilizada foi a abordagem qualitativa, exploratória, com *locus* na comunidade da Rasa, selecionada como estudo de caso, tendo sido realizada uma pesquisa participante, com trabalho de campo de inspiração etnográfica e fotografia participativa, prioritariamente, pela técnica *photovoice*. O estudo revelou que, em detrimento do reconhecimento da atratividade dos locais/elementos fotografados diante das dinâmicas de inclusão/exclusão do turismo em Armação dos Búzios, a narrativa imagética dos participantes-fotógrafos retrata a topofilia da Rasa, na medida em que o critério de seleção das fotografias está relacionado à memória afetiva e à valorização da história social associada aos locais aprazíveis desse território.
Palavras-chave: turismo; topofilia; comunidade quilombola da Rasa; território; photovoice.

[*] Doutoranda em Turismo na Universidade de São Paulo (USP). ORCID: https://orcid.org/0000-0002-3145-3462. E-mail: milenamanhaes@usp.br.
[**] Doutorando em Mudança Social e Participação Política – ProMuSPP/Universidade de São Paulo (USP). Professor Substituto na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ). ORCID: https://orcid.org/0000-0003-2488-8780. E-mail: renatosantos.adm@gmail.com.
[***] Doutoranda em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social (EICOS/UFRJ). Bolsista Capes. ORCID: https://orcid.org/0000-0002-9679-9157. E-mail: yasmin.nasri@hotmail.com.
[****] Professor Associado da Universidade de São Paulo (EACH/USP). Doutor em Geografia pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). ORCID: https://orcid.org/0000-0002-2182-9593. E-mail: sraimundo@gmail.com.

Este é um artigo de acesso aberto distribuído sob os termos da Licença Creative Commons CC BY 4.0 Internacional, que permite que outros distribuam, remixem, adaptem e criem a partir deste trabalho, desde que citem seus autores e a fonte original.

Topophilia and imagetic expressions about tourism: contributions and perspectives of the Rasa Quilombola Community (Armação dos Búzios - RJ)

Abstract

This research aimed to investigate tourism and the affective relation of the Rasa quilombola community with the local territory, in Armação dos Búzios (Rio de Janeiro), based on participatory photographs, focusing on images associated with the territory of this community. The methodology was qualitative, with exploratory approach in the Rasa community, selected as a case study, where participant research was carried out, with field work of ethnographic inspiration and participatory photography, based on the photovoice technique. The study revealed that, to the detriment of the recognition of the attractiveness of the places/elements photographed in the face of the dynamics of inclusion/exclusion of tourism in Armação dos Búzios, the imagery narrative of the participant-photographers portrays the topophilia of Rasa, considering the criterion of selection of photographs is related to affective memory and appreciation of the social history associated with the pleasant places of this territory.

Keywords: tourism; topophilia; Rasa quilombola community; territory; photovoice.

INTRODUÇÃO

Segundo a divisão territorial do turismo do estado do Rio de Janeiro, Armação dos Búzios está na Região Turística da Costa do Sol (Rio de Janeiro, 2013), uma região pertencente ao segmento de sol e praia. Além de estar na rota dos transatlânticos da costa brasileira, é o quarto destino turístico mais visitado do Brasil. Quanto à demanda turística internacional e entre os turistas estrangeiros que o visitam, 95,9% vão a lazer, e, destes, 84,9% são motivados por sol e praia (Brasil, 2019).

Essa motivação reflete a imagem construída de Armação dos Búzios, que reforça o aspecto de destino de sol e lazer e exclui os bairros da periferia do município. Segundo Almeida (2015), o pórtico da cidade foi construído privilegiando a parte *mais rica e urbanizada*, que está mais próxima aos atrativos turísticos, deixando à margem os bairros periféricos. Porém, essacisão península-continente não reside apenas na lógica de investimentos e na dinâmica do território; ela se reproduz no discurso imagético do turismo buziano que também os suprime do mapa turístico, bem como suas comunidades quilombolas: Baía Formosa, Maria Joaquina e Rasa.

A Rasa, *locus* desta pesquisa, é um território de história vinculada à ancestralidade e memória da cidade de Armação dos Búzios e de disputa diante das apropriações do território pelo mercado turístico e imobiliário. Conforme revela Pereira (2013, p. 2), os processos de transformações da cidade incluem permanentes conflitos na relação de uso e apropriação da terra e desigualdades no direito à cidade, favorecendo a metanarrativa de uma cidade bela e sofisticada. Isto significa dizer que há um recorte da realidade turística que orienta o que é visível no turismo, inscrito e divulgado pelos materiais promocionais, remetendo a interpretações do real(Souza, 2006). Mas o destino, sob a perspectiva do turismo, pressupõe relações com a comunidade local, de modo que é importante saber o que esta pensa do turismo, suas resistências e preferências (Baldissera, 2008). "Entretanto, pouco se conhece sobre os interesses da comunidade local e, consequentemente, sobre a interação turismo/mundo-vivido" (Pinhão; Trevizan, 2005, p. 122).

Vale ressaltar que, como esclarece Martins (2002, p. 54), "quando se fala de 'local', está-se referindo à escala das inter-relações pessoais da vida cotidiana, que sobre uma base territorial constroem sua identidade". Afinal, na configuração e nos processos que constituem o espaço é que se delimita o que chamamos de território, base para a construção das relações de um grupo (Raffestin, 1993) e das identidades (Martins, 2002). Em relação ao território para comunidades tradicionais, esse vínculo com o ambiente se estabelece material, social e simbolicamente (Haesbaert, 2007). Nessa relação entre território e comunidades, "estas se impregnam das características do território assim como estes se impregnam com os usos, costumes e tradições dos seus habitantes" (Oliveira; Blos, 2012, p. 143). Ademais, é no território que se dão as trocas afetivas, constroem-se as redes de confiança e o turismo se desenvolve (Oliveira; Zouain, 2008).

Se o turismo é também uma potencialidade no território da Rasa, é na comunidade que há possibilidade de sua efetivação,pois é esta que, prioritariamente, deve ser considerada no pensar e fazer turístico (Baldissera, 2008). Assim, Raimundo (2019) ressalta a pertinência do estudo das

representações de mundo das comunidades locais, seus simbolismos, anseios e necessidades. Nesse sentido, a fim de relacionar hábitos, preferências e expectativas dos comunitários, optou-se por utilizar método e técnica visuais na medida em que fotografamos o que sentimos e pensamos, para além do que vemos (Bavcar et al., 2000).

Assim, caberia questionar: qual é a visão do quilombola da Rasa sobre o turismo no seu território? Quais são as suas impressões e expectativas? Ou, mais especificamente, qual é a relação entre o turismo e os laços afetivos do quilombola da Rasa com seu território? De modo que definiu-se como objetivo desta pesquisa investigar a relação entreo turismo e o laço afetivo da comunidade quilombola local com o território da Rasa, localizado na cidade de Armação dos Búzios (RJ).

Trata-se de uma pesquisa qualitativa, descritiva exploratória, participante (Freire, 1999), com trabalho de campo de caráter etnográfico (Geertz, 2008) e com uso da fotografia participativa (Justo, 2003; Silva; Koller, 2002; Meirinho, 2016), priorizando elementos da técnica *photovoice* (Wang; Burris, 1997; Meirinho, 2015). Nesse contexto, partiu-se do pressuposto de que o olhar da comunidade da Rasa sobre o turismo em seu território, proposto neste trabalho, é uma oportunidade de reflexão que pode favorecer o protagonismo na condução de seu próprio destino, turístico ou não.

TOPOFILIA, IMAGEM E TURISMO

O saber e o fazer turísticos, em especial no turismo comunitário, pressupõe que a comunidade relacionada saiba o que é turismo e deseje o seu desenvolvimento (Magalhães, 2002; Grimm; Sampaio, 2017). Ampliando essa sentença, Santana, Nascimento e Marques Jr. (2020, p. 168) argumentam que "quando há percepção de valor socioambiental os indivíduos estão mais inclinados ao apoio ao desenvolvimento do turismo".

Relativamente a isso, tanto a construção de uma imagem do destino turístico na perspectiva dos residentes quanto os laços afetivos em relação ao lugar vivido afetam positivamente o desenvolvimento do turismo e a imagem afetiva e cognitiva, em relação à própria comunidade (Chagas; Marques-Júnior; Silva, 2016). Nesse sentido, vários fatores influenciam nessa relação, de modo que:

> Mediante a cognição, percepção, afetividade e memória, reconstruímos mundos vividos, resgatando a multiplicidade das imagens do meio ambiente, porque é neste resgate que também reside a identidade de um ser humano, a conservação de seus testemunhos, o legado cultural, mediante a narrativa da própria história de vida, através das paisagens de seus espaços e lugares. (Guimarães, 2002, p. 140).

Assim, os laços afetivos com o lugar vivido aproximam e dão unicidade a umacomunidade por meio dos "geossímbolos"[1], os quais cristalizam e representam a memória de um povo (Bonnemaison, 2002). Desta forma, os símbolos vivificam a construção da identidade da comunidade, que compartilha da relação topofílica com o seu território (Barbosa, 2010).

Definida como "elo afetivo entre a pessoa e o lugar ou ambiente físico" (Tuan, 1980, p. 5), a topofilia tem base nos estudos de Tuan (1980) e Bachelard (1986). Esta se origina na geografia humanista, uma corrente embasada nos estudos de percepção ambiental, a partir da premissa de que "o significado do comportamento humano, na relação com o meio ambiente, se baseia em crenças e valores" (Rêgo; Fernandes, 2012, p. 13). A expressão topofilia remete à percepção, aos sentimentos e às atitudes de uma pessoa com seu lugar ou ambiente vivido.

Esses vínculos resultam tanto das características ambientais quanto das interações sociais. São subjetivos e evocam diferentes emoções, conforme as percepções e experiências, individuais ou coletivas, transformadas e valorizadas diferentemente ao longo do tempo, sentidas numa prática efêmera, como a turística, ou prolongada, como na vivência cotidiana de um quilombola em seu território (Guimarães, 2002; Miranda, 2019). Assim:

> A resposta ao meio ambiente pode ser basicamente estética: em seguida, pode variar do efêmero, prazer que se tem de uma vista, até a sensação de beleza, igualmente fugaz, mas muito mais intensa, que é subitamente revelada. A resposta pode ser tátil:o deleite ao sentir o ar, água, terra. Mais permanentes e mais difíceis de expressar, são os sentimentos que temos para com um lugar, por ser o lar, o *locus* de reminiscências e o meio de se ganhar a vida. (Tuan, 1980, p. 107).

Além de relacionadas à visão de mundo[2] dos sujeitos, às preferências e atitudes em relação ao ambiente são suscetíveis a cultura, o que torna relevante tanto a experiência pessoal quanto a vivenciada pelo grupo (Barbosa, 2010; Miranda, 2019). Diante disto, é fundamental conhecer a história da comunidade que vive no lugar e as relações de pertencimento, memória e senso de familiaridade a ele associados, em que o território é uma extensão da identidade do coletivo (Miranda, 2019).

Ademais, é justamente pelas delimitações espaciais e pelos laços afetivos que as relações de topofilia coadunam com o conceito de território adotado neste artigo, considerando que:

> [...] as construções simbólicas que se processam no território são, em essência, imagens que estão intrinsecamente relacionadas à dimensão subjetiva do indivíduo, que, por sua vez, recebe influências do meio sociocultural em que se encontra inserido (experiências e vivências). (Carvalho, 2005, p. 309).

As imagens, impressões e julgamentos associados ao lugar ou território podem ser contrastantes, configurando percepções e modos de agir díspares (Rêgo; Fernandes, 2012). Nesse contexto, a topofilia determina a divergência do valor atribuído ao espaço, por exemplo, entre reduções estéticas na perspectiva do visitante e as particularidades culturais valoradas pelo residente ou atratividade para o primeiro e rotina para o segundo (Barbosa , 2010).

Todavia, esse laço afetivo constrói-se de vivências repetidas, experiências de "sentir" o lugar (Tuan, 1983), convertendo os estímulos sensoriais percebidos em uma imagem para a topofilia (Tuan, 1980), de modo que:

> Dos cinco sentidos tradicionais, o homem depende mais conscientemente da visão do que dos demais sentidos para progredir no mundo. Ele é predominantemente um animal visual. Um mundo mais amplo se lhe abre e muito mais informação, que é espacialmente detalhada e específica, chega até ele mais por meio dos olhos que pelos dos sistemas sensoriais da audição, olfato, paladar e tato. (Tuan, 1980, p. 7).

Compreendendo a centralidade da visualidade, o uso de fotografias na pesquisa em topofilia torna-se pertinente, "pois são artefatos visuais muito potentes de percepção e compreensão do mundo, justamente por convocarem as sensibilidades e a potência da observação" (Gomes, 2013, p. 6). Esse uso permite aproximar topofilia e fotografia como formas de sentir, ampliando os sentidos da representação (Corredor, 2012; Moura; Santana, 2013). A partir disso, o olhar exercita o sentido (visão) e produz sentido (significado),compondo uma imagem visual captada e uma mental para a topofilia (Cabral, 2006).

As imagens constituem a narrativa da contemporaneidade, inclusive no turismo. Referentemente ao conceito de imagem turística, Solha (1999) define como um amálgama de impressões e expectativas composto por elementos cognitivos e afetivos, que conferem subjetividade ao processo de construção da imagem. As imagens estão presentes antes mesmo do deslocamento do turista, considerando a propagação de fotos na rede que influenciam a construção de um imaginário e de expectativas, com relação aos destinos turísticos a serem visitados (Gastal, 2005). Elas podemrepresentar a projeção concreta de algo ou alguém captada através de instrumentos e recursos comunicacionais, como fotografia, televisão e cinema; ou

ainda uma projeção mental produzida no imaginário das pessoas "a partir de experiências vividas, das mensagens recebidas e assimiladas, bem como através da compreensão do mundo" (Perinotto, 2013, p. 4).

São essas imagens propagadas que, segundo Castro, Guimarães e Montenegro (1999), orientam o olhar do turista e antecipam a sua experiência por meio de guias, mapas turísticos, etc., construindo a narrativa do que se deve "visitar, ver, registrar, comer, comprar, fazer e dormir" (Pereiro, 2005, p. 62). Mas o repertório imagético de um destino é uma construção histórica e cultural, ou, ainda,"representações ideais da vista" (Urry, 1996, p. 122), com diversos símbolos que compõem uma realidade turística estabelecida e negociada que se modifica com o tempo, cristalizando, por vezes, uma mesma narrativa e ocultando "outras realidades" (Castro, Guimarães; Montenegro, 1999). Assim, as imagens têm múltiplos usos, sentidos polissêmicos e intencionalidades, considerando que:

> Grupos juridicamente vulneráveis e populações ideologicamente minoritárias [...] estão, sobremaneira, excluídos das possibilidades de inserção na esfera de visibilidade pública e, por extensão, dos processos de construção de espaços de visibilidade, negociação e diálogo na e com a grande mídia, a mídia hegemônica. (Silva; Freitas, 2009, p. 1-2).

Ademais, as imagens manipuladas do turismo podem comprometer a competitividade do destino e divergir dos princípios da sustentabilidade. Até porque a comunidade está presente no turismo, seja como apoio ou colaboração, quando há pertencimento, ou como resistência, quando há exclusão, tendo em vista que o turismo se constrói com a comunidade (Baldissera, 2008).

Nesse contexto, propomos, numa leitura crítica do olhar, buscar as imagens extraquadro do turismo em Armação dos Búzios (RJ) pelo olhar quilombola. Por conseguinte, é fundamental discutir a noção de território e respectivas dinâmicas, incluindo os processos de configuração da Rasa e as implicações do turismo.

TERRITÓRIO E COMUNIDADE QUILOMBOLA: A CONFIGURAÇÃO DA RASA

A Rasa é um bairro e também uma comunidade remanescente de quilombo com 422 famílias que, pela relação identitária com o espaço e as disputas de poder entre diferentes atores na sua apropriação e uso, pode-se defini-la como território.

Para Raffestin (1993), o território é um campo de forças, uma teia, uma rede de relações sociais que se projetam no espaço e são construídas historicamente, de maneira que o território se torna objeto de análise sob diferentes perspectivas, sejam elas antropológicas ou geográficas. E é pelo prisma de Raffestin (1993) e Haesbaert (2007) que compreendemos o território como espaço de disputa de poder e estabelecimento de limites em que determinada comunidade se relaciona e se apropria.

O próprio território favorece a criação de vínculos, de relações mais próximas, e se configura justamente nessas dinâmicas (Bourdin, 2001). Assim, para compreender um território, é fundamental entender a organização sociocultural e as relações simbólicas nele estabelecidas. E a noção de territorialidade está relacionada com a expressão comunidade remanescente de quilombo, que compreende:

> Grupos étnico-raciais, segundo critérios de auto-atribuição, com trajetória histórica própria, dotados de relações territoriais específicas, com presunção de ancestralidadenegra relacionada com a resistência à opressão histórica sofrida (Brasil, 2003).

Essa terminologia admite as mudanças socioespaciais e culturais na singularidade de "cada quilombo", inclusive na apropriação material do espaço, admitindo a existência de um território quilombola mesmo que esteja em área urbana, como é o caso das comunidades buzianas.

No século XVIII, segundo Cunha (1997), o entorno da ponta dos Búzios era ocupado por fazendas que se dedicavam à extração de madeiras nobres e produção agrícola com mão de obra africana, que aportava nas praias da Armação e da Rasa desde o século XVII, e mesmo após a

proibição do tráfico em 1850, isso ocorria clandestinamente, nas praias de José Gonçalves, Baia Formosa e Rasa junto à Ponta do Pai Vitório.

Na pesquisa etnográfica que compõe o Relatório Técnico de Identificação e Delimitação – RTID (INCRA, 2017), verifica-se que "os da terra" descendem de um mesmo grupo de escravos que trabalhavam nas diferentes fazendas do complexo "Campos Novos". Vale ressaltar que as comunidades de Baía Formosa, Rasa e Maria Joaquina (também conhecida como Rasa II em trabalhos acadêmicos) constituíam uma comunidade única, a Rasa. Contudo, essas foram desmembradas em três, e a identificação de terras considerou as fronteiras de bairro, o que na territorialidade quilombola é fluida, ou ainda, inexistente.

Com o processo de turistificação do município (a partir da década de 1950), a especulação imobiliária e, ainda, as grilagens têm avançado no território. Atualmente, além da comunidade quilombola que resistiu à expropriação, o bairro da Rasa tem mansões e condomínios, principalmente próximos à praia da Rasa, Arpoador, Ponta do Pai Vitório e Praia da Gorda, ocupando o litoral, que no passado era exclusivamente frequentado por quilombolas.

Mesmo reconhecida pela Fundação Palmares desde 1999 e representada pela Associação Quilombola dos Moradores da Rasa, os espaços materiais e simbólicos da comunidade passam a ser território de disputa no lugar turístico. Nesse contexto, estão as novas espacialidades, sociabilidades e dinâmicas territoriais, em geral, controladas por atores hegemônicos que definem o que expor e o que esconder nas imagens turísticas, invisibilizando territórios como o da Rasa.

METODOLOGIA

Dada a subjetividade da pesquisa, que parte do "olhar quilombola", adotamos a construção metodológica qualitativa, com base na pesquisa participante, que tem como pressuposto o compromisso com a transformação social, a partir da relação do pesquisador com a realidade e com o envolvimento comunitário (Demo, 2008). Além da pesquisa bibliográfica e documental, a pesquisa incluiu trabalho de campo de inspiração etnográfica, a fim de possibilitar o entendimento do contexto "do outro" (Geertz, 2006, p. 107), nesse caso, os quilombolas da Rasa.

Considerando que o turismo é um objeto prenhe da linguagem visual e que a topofilia dá-se nas experiências percebidas pelos sentidos, sobretudo da visão, adotou-se o método da fotografia participativa, que "expressa uma conexão legítima com o desenvolvimento de uma consciência crítica nos envolvidos, tal como aludiu Paulo Freire" (Meirinho, 2016, p. 34). Nessa metodologia, o participante-fotógrafo mostra algo de si, quando capta uma imagem em resposta a uma pergunta, e não só compartilha seu olhar com o pesquisador como também traz nas fotografias as afetações de seu grupo social, pois, "[...] não fotografamos apenas com nossa máquina, mas sim com toda nossa cultura e nossa visão de mundo (ideológica ou utópica)" (Lisboa; Pires, 2010, p. 78).

Relativamente à técnica utilizada, optou-se, prioritariamente pelo "uso" do *photovoice*, que tem base na fotografia documental como "revelação" de problemas sociais; na teoria feminista como forma de empoderamento e na "consciência crítica" de Paulo Freire. Nesse processo, "as pessoas podem identificar, representar e melhorar sua comunidade através de uma técnica fotográfica específica" (Wang; Burris, 1997, p. 369).

No turismo, o *photovoice* pode estimular a participação social, contribuindo "para interpretar a visão de mundo do residente, valorizando seus hábitos, preferências, necessidades e entorno" (Soares et al., 2017, p. 473) e, ainda, na identificação de recursos turísticos endógenos (Gehrke, 2015; Gehrke; Duarte Jr.; Milito, 2015). Vale ressaltar que as pesquisas que congregam turismo e imagem são incipientes, tal como aquelas que relacionam turismo e metodologias visuais, além de serem voltadas prioritariamente para o estudo da imagem pela ótica do turista (Silva; Perinotto, 2016; Godoy; Leite, 2019; Machado, 2010; Silva, 2011). Contudo, "as metodologias de análise da imagem se apresentam como algo inovador, propondo diferentes técnicas para a aplicação nos estudos no campo do turismo" (Godoy; Leite, 2019, p. 77).

A partir do trabalho de campo, realizado entre outubro de 2017 e novembro de 2018, foram identificados quatro "grupos" na comunidade quilombola: aqueles que atuam na Associação da Comunidade Remanescente de Quilombo da Rasa, principalmente ligados à família de D. Eva – quilombola mais ilustre e idosa da região (111 anos); aqueles que militam, fundaram, mas não atuam mais na Associação; os pescadores-quilombolas; e aqueles que não fazem parte de grupo

algum. De modo que selecionamos um representante de cada grupo. Cabe ressaltar que a (in)visibilidade é uma questão central na pesquisa, por isso, em comum acordo (via consentimento livre e esclarecido) com os participantes, mantivemos sua identificação (Quadro 1).

Quadro 1 – Critérios de seleção dos participantes da pesquisa

Perfil selecionado	Participante	Justificativa
Representante da Associação do Quilombo da Rasa	Adriano	Na ocasião da pesquisa era vice-presidente e o membro mais presente nos eventos de/sobre quilombolas, inclusive de diferentes comunidades do município.
Representante "sem grupo"	Josely	É parente da família que lidera a associação, mora no mesmo quintal, referência do território, e está engajada nas questões de negritude e quilombolas, mas não está integrada à associação ou outro grupo. Inclusive, é a única do "quintal" cuja questão religiosa (o protestantismo) não compromete a produção de bonecas abayomi.
Representante de outro grupo (não formal) engajado em questões de negritude e de movimento quilombola.	Gabriele ("Gabi")	Filha de "Pastor Luiz", membro fundador da associação, engajado na criação de outras associações quilombolas da região, mas que não atua na Associação quilombola da Rasa
Representante dos pescadores quilombolas	Roselene ("Lene")	Organizou evento sobre memória da pesca artesanal. É filha de mestre artesão de barcos (Mestre Andrelino) e pescadora-quilombola (autodefinição).

Fonte: Rodrigues (2019).

Assim como os participantes compõem grupos diferentes nessa comunidade e relações díspares no tocante ao turismo, o próprio processo produtivo teve intenções e dinâmicas diferentes. Neste sentido, Silva e Koller (2002) contribuem com os critérios de análise da fotografia na perspectiva psicológica, valorizando o processo como forma de compreender e interagir com o mundo. Desta forma, é necessário contextualizar o perfil dos participantes e seu processo produtivo.

Os participantes receberam câmeras analógicas descartáveis, pela liberdade de uso e baixo custo. Análogo ao trabalho de Justo (2003), separadamente, foram orientados quanto à tarefa de produzir 12 fotografias sobre o turismo na Rasa. Para tal, deveriam refletir: o que é a Rasa, o que é o turismo, que tipo de experiência e sentimentos ele(a) e a comunidade têm em relação ao turismo na Rasa; respondendo, por meio das fotos, a questão: quais as imagens do turismo na Rasa? As fotos poderiam envolver pessoas, paisagens, serviços, coisas, documentos, etc. Cabe salientar que nenhum participante tinha ou teve durante a pesquisa conhecimento técnico de fotografia. Tiveram orientações mínimas para manuseio do equipamento, a saber: localização do disparador, controle de poses (número de registros do filme fotográfico disponível em visor) e limites de distância (do objeto para seu registro) e de claridade (não fazer registro com luz ao fundo do objeto e indicação de localização do *flash*). Referentemente à reflexão e respectiva produção das fotos, orientou-se quanto à possibilidade de envolver as opiniões de amigos e familiares quilombolas da Rasa, exceto as dos próprios participantes entre si.

Após a recolha das câmeras e revelação das fotografias, cada participante selecionou 5 imagens mais representativas para si. A seguir as apresentou aos demais, incluindo "leitura da imagem" e elucidação própria. Por fim, o grupo discutiu a relação entre imagem e turismo contrapondo as fotografias do grupo com os resultados do "Google imagens" para a busca "Turismo+Búzios". Foi realizada, posteriormente, uma roda de conversa sobre turismo e imagens associadas, com foco nos laços afetivos com o território.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Embora a atividade demandasse a produção de 12 fotografias por participante, todos produziram mais do que o solicitado, contabilizando 89 fotos registradas pelo grupo, das quais 20 foram selecionadas (5 por participante) como mais representativas.

Relativamente aos participantes, cabe dizer que Adriano era Vice-Presidente[3] da Associação Quilombola. Em referência a sua relação com turismo, trabalhou por sete anos em uma pousada. Ademais, fez cursos na área, inclusive de turismo de base comunitária - TBC, em que elaborou roteiros de turismo, e um destes inspirou algumas de suas 23 fotos.

Roselene é filha de artesão de barcos e tem formação técnica em turismo. Assim como Adriano, fez o curso de TBC e inspirou-se no roteiro turístico elaborado na ocasião, como referência à produção de suas 25 fotos. Além disso, destacou que seu olhar para o turismo na produção das imagens era o de "perspectiva de futuro" para "manter a memória" de sua comunidade.

Gabriele é filha de um dos fundadores da associação quilombola, canta e compõe. E foi, justamente, seu vínculo com a música que estabeleceu uma relação com o turismo. Em 2007, realizou um projeto junto à Secretaria de Turismo do município, cantando músicas afro-brasileiras. Seu processo de reflexão para o registro das imagens foi coletiva, discutida em família. No total produziu 15 fotos, das quais 4 selecionou para a apresentação,complementando a quinta foto com uma produzida por Joseli, considerando que esta foi tema de uma entre as duas fotos que alega ter registrado, mas não ter sido registrada pela câmera.

Joseli Conceição é parente da presidente de honra da associação (D. Uia, falecida por Covid-19, em 2020), mas não participa desse coletivo, embora faça artesanato e por vezes costure em apoio à produção de bonecas negras, uma iniciativa da Associação. Ademais, é a única participante que afirmou não ter nenhuma relação atual ou precedente com a atividade turística. Esse perfil também era pertinente para a pesquisa. Ela produziu 26 fotos.

Entre as 20 imagens selecionadas, além daquelas relacionadas à topofilia, e por isso analisadas para fins deste artigo, foram escolhidas duas de quilombolas idosas, justificando como proposta de um turismo de memória narrado por griôs; duas referentes a práticas da comunidade (as bonecas negras de pano produzidas pela associação e o coral de vozes de uma igreja local) e três associadas à sociabilidade (2 da Praça do INEFI - Instituto de Educação e FormaçãoIntegral Judite Gonçalves e 1 do "Esperança Futebol Clube", o campo da Rasa). Assim sendo, 13 das 20 imagens sobre o turismo na Rasa trazem as relações topofílicas, expressando o vínculo afetivo em relação ao território (Tuan, 1980, 1983).

A representação da negritude da Rasa esculpida em marcos esteve presente em três fotografias. A primeira foto que Adriano apresentou é da estátua "Homem negro com a criança", que fica no "Cruzeiro da Rasa", como um marco da comunidade e que, segundo ele, já foi motivo de críticas e rejeição como símbolo de racismo (Foto 1).

Foto 1 – “Homem negro com a criança”

Fotógrafo: Adriano Gonçalves
Fonte: Rodrigues (2019, p.108).

> A primeira foto que eu fiz, foi essa foto aqui que é do ventre livre, né? Quando essa estátua foi colocada, nesse ponto, criou um tipo de desconforto, né? Porque, sem conhecimento - a gente não tinha conhecimento - então achou que aquilo ali foi até uma forma de racismo, menosprezando a população da raça. Hoje nós entendemos o valor, a importância que tem essa foto aqui, que tem esse monumento, então foi por isso que eu tirei essa foto, foi a primeira que eu tirei, é, para mostrar a beleza que temos aqui, também, no nosso bairro, né? E é uma história! (Adriano Gonçalves).

Em convergência com o olhar de Adriano, Roselene registra a escultura bantu da Praça Quilombola e projeta uma mudança de postura da população em relação à aceitação à “homenagem”, ainda que guarde críticas em relação à própria praça (Fotos 2 e 3).

Foto 2 – “Quilombo de quem? Retrato de uma comunidade em construção”

Fotógrafa: Roselene Pereira.
Fonte: Rodrigues (2019, p. 115, 122).

Foto 3 – “Praça quilombola”

Fotógrafas: Gabriele Souza.
Fonte: Rodrigues (2019, p. 115, 122).

O olhar de Gabriele apresenta exclusivamente o potencial.

> Essa aqui é uma praça, que foi chamada de praça dos quilombolas… Eu tenho as minhas críticas [...] A praça em si não representa… A imagem representa sim. Eu me vejo também nessa imagem, e vejo outras pessoas da comunidade nessa imagem [...]. As pessoas vão começar a se reconhecer! Acho que primeiro a gente só dá valor aquilo quando alguém de fora diz que é legal, que é importante… E aí as pessoas abrem os olhares para dizer: “É realmente é legal, é importante, eu me vejo ali” (Roselene Pereira).

> Ela fica perto da praia dos pescadores, eu acredito que nessa praça [...], daria para fazer alguma cozinha, porque já extrai o peixe próximo, né?

> Então daria para fazer uma cozinha ali excelente, e é próxima a rua, seria bem bacana também… Seria não, será! (Gabriele Souza).

Como uma referência unânime, a Ponta do Pai Vitório é retratada pelo grupo (Foto 4).

Foto 4 – Vem pro P.P.V. (Ponta do Pai Vitório)

Fotógrafa: Joseli Conceição
Fonte: Rodrigues (2019, p. 126).

Com a legenda "Vem pro PPV", criada por Joseli Conceição, tal como um convite, incluindo a beleza cênica no enquadramento, a foto, conforme sua interpretação, sugere um lugar já apropriado por turistas, mesmo com difícil acesso, e reconhece a possibilidade da convivência entre a valorização da beleza e a lembrança triste do tráfico de pessoas no mesmo local.

Roselene (Foto 5) também traz a história como elemento a ser valorizado pelo turismo. A diferença é que em sua fala/olhar a memória não é afetiva/saudosa e traz uma crítica ao turista que viaja exclusivamente para diversão, numa menção indireta aos que frequentam Búzios.

> Ponta do Pai Vitório, onde tudo começou com o desembarque dos Negros, para serem escravizados aqui no Brasil. É...nós temos uma rota, considerada pela Unesco como uma das últimas rotas de tráfico de Africanos no Brasil. Mesmo após o período da abolição, Búzios entrou na rota da escravatura… E não é um turismo bonito, é um turismo de memória e de reflexão, eu vejo por essa parte! Não é de curtição, isso aqui não é para curtir, isso aqui é pra gente chegar e refletir [...] O lugar é bonito, porém a história dessas estacas é triste. [...] São estacas de um antigo píer de Navio Negreiro. (Roselene).

Foto 5 – Porto: A memória que não se pode esquecer

Fotógrafa: Roselene Pereira
Fonte: Rodrigues (2019, p. 114).

Assim como a Praça Quilombola e a Ponta do Pai Vitório, o Mangue de Pedras foi elemento registrado por todos, entretanto selecionado por três participantes. Na realidade, é uma referência muito citada na Rasa, em geral, positivamente, exceto quando relacionam a fragilidade frente à especulação imobiliária e à falta de proteção.

Embora enfatize a questão da beleza cênica, Adriano Gonçalves e Gabriele Souza, assim como muitos quilombolas da Rasa, têm no Mangue de Pedras um local de memória afetiva (Tuan, 1980, 1983).

Fotos 6 e 7 – Mangue de Pedras

Fotógrafos: Adriano Gonçalves e Gabriele Souza, respectivamente
Fonte: Rodrigues (2019, p. 109, 122).

E, tal como sua foto (estátua do homem negro com a criança), citada anteriormente, Adriano Gonçalves parece querer compartilhar a imagem de orgulho relacionada à Rasa. Contudo, seu comentário sugere que vê no turismo uma ferramenta de preservação:

> O mangue de pedra pra nós é de uma riqueza imensurável. Eu lembro que quando eu era criança, eu ia lá com a minha mãe, e aquilo era pra

> mim uma alegria, uma diversão. Também não tinha o conhecimento e nem sabia naquele momento da importância que era o mangue de pedras, que hoje a gente tem, né? A gente conhece e sabe da fauna, sabe do berço de animais, que vivem ali. Então, o olhar dessa foto é um olhar mais de preservação. Preservar e mostrar a beleza que tem o mangue de pedras. (Adriano Gonçalves)

E uníssono com os outros participantes, Gabriele Souza reafirma a singularidade do Mangue de Pedras, valorizando, sobretudo, sua memória afetiva com aquele local, em detrimento da paisagem.

> Essa foto é o Mangue de Pedras. Eu vim com a minha família, e a gente cresceu com esse Mangue de Pedras. Então, pra mim significa bastante. Eu, minhas irmãs e minhas primas, nós, crianças já brincávamos no Mangue de Pedras, extraímos também alimentos, é… o próprio Corondó… Tem peixes também! [...]. É uma rota muito bacana. Seria, porque não acontece… será! (Gabriele Souza).

Com um tom de produto para o mercado turístico, a imagem do Mangue de Pedras é reproduzida entre as fotos de Joseli Gonçalves (Foto 8).

Foto 8 – Mangue de Pedras, refúgio à beira-mar

Fotógrafa: Joseli Gonçalves
Fonte: Rodrigues (2019, p. 126).

Entretanto, não é a peculiaridade geológica nem a paisagem que motivaram esse registro, mas as práticas culturais narradas e discretamente representadas nos barcos para pesca artesanal, no plano de fundo, à direita. Embora não tenha selecionado fotos deste, Roselene Pereira seleciona a placa que indica a localização do Mangue de Pedras e que contém uma "pichação", justificando uma postura reticente quanto ao desenvolvimento turístico (Foto 9).

Foto 9 – Que turismo/turista queremos? Valorização de quem tem e de quem visita.
Trilha do Mangue

Fotógrafa: Roselene Pereira
Fonte: Rodrigues (2019, p. 116).

> [...] É para mostrar, é para fazer uma reflexão sobre que tipo de turista a gente quer,e uma questão de educação da nossa população, educação ambiental, de quem frequenta ali o Mangue de Pedras. Tanto seja de morador, ou de turista, a gente precisa criar uma consciência ambiental. Acho que antes de botar o turismo, a gente tem que mobilizar e conscientizar a população sobre a importância do Mangue, e do Meio Ambiente. (Roselene Pereira).

Roselene Pereira também contextualiza a localização do Mangue de Pedras e enumera locais aprazíveis, mencionando o intento de estruturar o mirante para a valorização da pesca tradicional. Neste sentido, ela usa, como instrumento de discurso, a ausência (Foto 10).

Foto 10 – Um mirante para a vista. Ponta do Pai Vitório – Rasa

Fotógrafa: Roselene Pereira
Fonte: Rodrigues (2019, p.117).

> [...] Essas pessoas são pescadores, a gente tem pescadores aqui brancos e pescadores quilombolas, né? Esse ponto aqui é onde a gente está pensando em construir um centro de memória da pesca da Rasa, da pesca tradicional, e colocar ali também como um lugar para receber [...] É na praia dos Negros. (Roselene Pereira).

Nesse contexto, sua narrativa imagética mantém a perspectiva de futuro, sempre centrada no coletivo, em geral relacionado aos pescadores-quilombolas, indicando outro possível local na Rasa para a criação de um centro de memória (Foto 11).

Foto 11 – Pesca artesanal: um patrimônio a ser erguido

Fotógrafa: Roselene Pereira
Fonte: Rodrigues (2019, p. 117).

> [...] No Cruzeiro ao lado da Escola Cileia Barreto, atrás está a quadra da Cileia Barreto, tem um portão, que esse portão era para entrar dentro da escola, fizeram o portão para fora então é um espaço que pode ser feita a manifestação cultural... Dá para construir um restaurante e dá para fazer um centro cultural de memória. (Roselene Pereira).

Ainda na perspectiva da ausência, Joseli Gonçalves retrata o "Quilombo da Rasa", justificando que D. Eva e D. Uia residiam nesse espaço, e a fotografia registra a casa delas em primeiro plano, ao centro da imagem (Foto 12).

Foto 12 – Quilombo

Fotógrafa: Joseli Gonçalves
Fonte: Rodrigues (2019, p. 125).

Ela elogia o carisma de ambas, valoriza as histórias que contam e menciona as frequentes visitas de estudantes e pesquisadores. Embora resida nesse mesmo "quintal", sua casa não aparece na foto, está fora do enquadramento. Nesse caso, assim como esclarecem Silva e Koller (2002), a omissão nas fotos é significativa. Questionada sobre essa ausência, constata que apenas essa casa e seus moradores aparecem nas fotos, nos vídeos, nas visibilidades do quilombo, o que sugere um desejo de ampliar as representações. Diante disto, pode-se compreender o vínculo afetivo com esse território.

Além disso, na análise das fotos, é fundamental considerar os aspectos de concretude e abstração das imagens, desde a perspectiva individual à narrativa do conjunto de imagens (Silva; Koller, 2002). Nesse sentido, com uma relação mais abstrata, Adriano Gonçalves seleciona a fotografia de um caminho, representando um desejo (Foto 13).

Foto 13 – Trilhas e roteiros

Fotógrafo: Adriano Gonçalves
Fonte: Rodrigues (2019, p. 110).

Seria uma referência ao anseio do reconhecimento de roteiros e trilhas na Rasa, denotando seu olhar para o turismo como uma perspectiva de futuro desejado:

> Essa foto aqui, é a foto de um caminho de uma trilha, que leva a um monte, é… Então, a ideia de roteiro é que também nós façamos uma trilha mostrando plantas exóticas, mostrando algumas aves, então por isso eu tirei essa foto! [...]. Que existam roteiros! (Adriano Gonçalves).

Finalizando a apresentação das fotos, a roda de conversa apresentou o mapa turístico do município e o resultado da busca "turismo+Búzios" no Google imagens, como contraposição às fotografias produzidas pelo grupo. Ambos notaram as ausências da Rasa, por uma distorção do mapa consta apenas o litoral (como a Ponta do Pai Vitório).

Apoiado pelas falas, depreendeu-se que Adriano Gonçalves almeja o desenvolvimento do turismo na Rasa como ferramenta de preservação e valorização da memória quilombola e terminou sua narrativa afirmando que o turismo na Rasa "tem tudo para dar certo", favorecido por estar em uma cidade turística, embora reconheça a subutilização deste por parte da comunidade.

O vínculo com o mar, como alguém que vivencia a pesca como um modo de vida familiar, trouxe para todas as fotos de Roselene Pereira a presença do mar ou da pesca, fosse relacionando a história (como as estacas do porto e o marco da Praça quilombola) às questões ambientais (Mangue de Pedras, Praia da Gorda) ou às perspectivas de futuro (centro de memória da pesca) – indicando as implicações do olhar do fotógrafo sobre a imagem produzida (Bavcar, 2000). Neste sentido, trouxe um tom crítico e precavido sobre o turismo, ainda que anteveja seu potencial para a valorização e a preservação relacionada.

As fotografias de Gabriele Souza, associadas à contextualização nas falas, reforçam a ideia de um potencial associado a um turismo de memória não realizado e da inquietação com a falta de ação da comunidade. Em consonância, Joseli Gonçalves indica que o turismo buziano restringe-se ao centro e pondera positivamente a possibilidade de desenvolver na Rasa,

condicionando aação à mudança do olhar ou interesse da comunidade, de governantes, etc. Sugere que, embora tenha perspectiva positiva, não seria protagonista dessa transformação no território (Raffestin, 1993; Haesbaert, 2007).

Mesmo nos depoimentos singulares com a diversidade de leituras das imagens, as fotografias participativas revelaram afetações psicossociais, em que era perceptível a relação entre o critério de seleção particular e a identidade do grupo (Silva; Koller, 2002; Bavcar, 2000), valorizando a perspectiva da associação, no caso do vice-presidente Adriano Gonçalves; o mar e pesca, nas fotos da pescadora-quilombola Roselene Pereira; a música e a tradição familiar, para a filha de Pastor Luiz e cantora Gabi e ainda para ela e para Joseli Gonçalves, o desejo de ampliação do reconhecimento, extensiva a outros quilombolas.

Por fim, rememoramos os questionamentos que estabeleceram os objetivos e conduziram à realização desta pesquisa, a saber: qual é a visão do quilombola da Rasa sobre o turismo no seu território? Quais são as suas impressões e expectativas? Ou, mais especificamente, qual é a relação entre o turismo e o laço afetivo do quilombola da Rasa com o seu território?

Os locais aprazíveis e reconhecidos da Rasa (Mangue de Pedras, Ponta do Pai Vitório, Praça Quilombola etc.) compuseram as narrativas imagéticas de todos os participantes. No entanto, o reconhecimento da atratividade destes não foi critério de seleção, mas as relaçõesde topofilia (Tuan, 1980). A interpretação própria das intencionalidades nos registros fotográficos revelou que a valorização era sobre a memória, da história social como um vínculo afetivo com o território que assenta no espaço o símbolo da comunidade da Rasa, de sua cultura. E foi essa a conclusão do grupo quanto ao elemento comum entre suas imagens. Deste modo, a visão ou a imagem do turismo na Rasa pela perspectiva quilombola é majoritariamente positiva e interpretada como um potencial instrumento de poder, orgulho e valorização da comunidade quilombola, relacionando a expectativa de desenvolvimento do turismo ao laço afetivo da Rasa com seu território.

CONSIDERAÇÕES

A fotografia participativa pelo *photovoice* mostrou-se um catalisador de um processo de ressignificação do território como memória afetiva e identidade social do grupo, constituindo-se "numa narrativa potente de expressão de ideias e posicionamentos políticos e ideológicos" (Moreira, 2016, p. 3), por isso, optamos pela exposição de narrativas individuais como posicionamento ético e político. Ou seja, não seríamos mais um a calar, invisibilizar ou traduzir em categorias as "fotos-vozes" da Rasa.

E se o grupo não fosse receptivo ou o espaço de diálogo não fosse um canal de livre comunicação, os resultados poderiam retratar quaisquer enquadramentos, sem o devido processo reflexivo ou sem a partilha por elucidação própria, limitando as narrativas, tal qual a veiculação corrente do turismo no destino.

Nesse contexto, o *photovoice* proporcionou maior envolvimento e entusiasmo em relação à pesquisa, reencantamento com o território e engajamento dos participantes. Ademais, a fotografia como recurso possibilitou informações privilegiadas, que de outro modo não seriam visibilizadas.

Vale ressaltar que fotografia participativa ou qualquer outro método participante não produz mudanças exclusivamente pela prática, mas no processo reflexivo (Meirinho, 2016). No tocante a isto, o resultado foi mais no sentido de uma transformação do olhar sobre o território e, consequentemente, sobre a própria comunidade, reforçando os vínculos afetivos e, por conseguinte, a autoestima. Além de visibilizar o reconhecimento da atratividade dos locais/elementos fotografados diante das dinâmicas de inclusão/exclusão do turismo em Armação dos Búzios.

Semelhantemente ao trabalho de Gehrke (2015), as fotografias revelaram memórias, paisagens, práticas culturais, lazer (sociabilidade), preservação/resgate, visibilidade/reconhecimento, projetos e impactos.

O estudo revelou que a narrativa imagética dos "participantes-fotógrafos" retrata a topofilia da Rasa, na medida em que o critério de seleção das fotografias está relacionado à memória afetiva e à valorização da história social associada aos locais aprazíveis desse território e, nesse sentido, é um potencial para pesquisas futuras que envolvam turismo e comunidades.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, B. C. de. Entre o passado e o presente, entre história e memória: a Rasa eseus entre-lugares. *Revista Escrita da História*, Juiz de Fora, v. 2, n. 4, p. 67-99, 2015.

BACHELARD, G. La poética del espacio. *Breviarios del Fondo de Cultura Económica*. México, 1986.

BALDISSERA, R. Relações públicas, turismo e comunidade local. *Anuário Unesco/Metodista de Comunicação Regional*, v. 12, n. 12, p. 123-139, 2008.

BARBOSA, L. M. Topofilia, memória e identidade na Vila do IAPI em Porto Alegre. *Para Onde!?*, Porto Alegre, v. 4, n. 2, 2010. DOI: https://doi.org/10.22456/1982-0003.22114.

BONNEMAISON, J. Viagem em Torno do Território. In: CORRÊA; ROSENDAHL (Org.). *Geografia Cultural:* Um Século. 3. ed. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2002. p. 279-303.

BOURDIN, A. *A questão local*. O. Reis (Trad.). Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

BRASIL. Decreto n. 4.887, de 20 de novembro de 2003. Regulamenta o procedimento para identificação, reconhecimento, delimitação, demarcação e titulação das terras ocupadas por remanescentes das comunidades dos quilombos de que trata o art. 68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias. *Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil*, Brasília, DF, 21 nov. 2003. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/2003/d4887.htm>. Acesso em: 28 jan. 2022.

BRASIL. *Decreto n. 6.040, de 7 de fevereiro de 2007*. Institui a Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais. *Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil,* Brasília, DF, 8 fev. 2007. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2007/decreto/d6040.htm>. Acesso em: 28 jan. 2022.

BRASIL. Ministério do Turismo (MTUR). Pesquisa da Demanda Turística Internacional no Brasil. Fichas Sínteses 2014-2018. 2019. Disponível em: <http://www.dadosefatos.turismo.gov.br/2016-02-04-11-54-03/demanda- tur%C3%ADstica-internacional.html>. Acesso em: 28 jan. 2022.

CABRAL, L. O. Entre a paisagem e o lugar: contribuições ao estudo da espacialidade do turista. In: FERREIRA; GRATÃO; OLIVEIRA (Org.). *Geografia, percepção e cognição do meio ambiente*. Londrina: Edições Humanidades, 2006. 129-162.

CARVALHO, V. S. de. *Raízes da ecologia social.* O percurso interdisciplinar de uma ciência em construção. Tese (Doutorado em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social). Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil, 2005.

CASTRO, C.; GUIMARÃES, V.; MONTENEGRO, A. Narrativas e imagens do turismo no Rio de Janeiro. In: VELHO, Gilberto (Org.). *Antropologia urbana*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor*,* 1999. p. 80-87.

CHAGAS, M. M.; MARQUES-JÚNIOR, S.; SILVA, V. H. *Imagem de destinos turísticos:* conceitos, modelos e casos. Natal: Ed. do IFRN, 2016.

CORREDOR, M. Fotofilia: Nuevas miradas sobre la topofilia a través de la fotografia. *InVisibilidades:* Revista ibero-americana de pesquisa em educação, cultura e arte, Viseu, Portugal, n. 3, p. 146-161, 2012. Disponível em: <https://www.apecv.pt/revista/invisibilidades/03/10.24981.16470508.3.14.pdf>. Acesso em: 28 jan. 2022.

COSTA, O. J. L. Memória e paisagem: em busca do simbólico dos lugares. *Espaço e Cultura*, Rio de Janeiro, n. 15, p. 33-40, 2008. DOI: https://doi.org/10.12957/espacoecultura.2008.6143.

CUNHA, M. W. da B. *Armação Histórica*. Resumo dos ensaios sobre geografia, pré- história e história do Município de Armação dos Búzios, 1997.

DEMO, P. *Pesquisa participante:* saber pensar e intervir juntos. Brasília (DF): Liber Livro, 2008.

FREIRE, P. Criando métodos de pesquisa alternativa: aprendendo a fazê-la melhor através da ação. In: C. R. Brandão (Org.). *Pesquisa participante*. São Paulo: Brasiliense, 1999. 34-41

GASTAL, S. *Turismo, imagens e imaginários.* São Paulo: Aleph, 2005.

GEERTZ, C. *O saber local.* 8. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.

GEERTZ, C. *A interpretação das culturas*. 13. reimpressão. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

GEHRKE, B. M.; DUARTE JUNIOR, J. B.; MILITO, M. C. Photovoice e identificação de recursos turísticos endógenos no litoral do Rio Grande do Norte - Brasil. *Pasos:* Revista de Turismo y Patrimonio Cultural, La Laguna (Tenerife): España/Maia: Portugal, n. 13, p. 1003-1017, 2015.

GEHRKE, B. M. A metodologia Photovoice e a identificação de recursos turísticos endógenos no oeste do Rio Grande do Norte - Brasil. SEMINÁRIO DA ASSOCIAÇÃO DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM TURISMO, 12., 2015, Natal. *Anais...* São Paulo: ANPTUR, 2015.

GODOY, K. E.; LEITE, I. da S. Turismo e fotografia: um estudo bibliométrico sobre o uso de metodologias de análise da imagem nas pesquisas em turismo. *Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo*, São Paulo, v. 13, n. 3, p. 71-91, 2019.

GOMES, P. C. da C. *O lugar do olhar:* elementos para a geografia da visibilidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.

GRIMM, I. J.; SAMPAIO, C. A. C. Crise ambiental, política climática e o turismo: algumas reflexões. *Revista Brasileira de Ciências Ambientais*, Rio de Janeiro, n. 44, p. 95-112, 2017.

GUIMARÃES, S. T. L. Reflexões a respeito da paisagem vivida, topofilia e topofobia à luz dos estudos sobre experiência, percepção e interpretação ambiental. *Geosul*, Florianópolis, v. 17, n. 33, p. 171- 141, 2002.

HAESBAERT, R. Território e multiterritorialidade: um debate. *Revista GEOgraphia*, Niterói, ano 9, n. 17, p. 19-46, 2007.

INSTITUTO NACIONAL DE COLONIZAÇÃO E REFORMA AGRÁRIA (INCRA). *Relatório Técnico de Identificação e Delimitação da comunidade remanescente de quilombo da Rasa (Armação dos Búzios - RJ)*. Rio de Janeiro, 2017.

JUSTO, C. S. S. *Os meninos fotógrafos e os educadores:* viver na rua e no Projeto Casa. São Paulo: UNESP, 2003.

LISBOA, M. M.; PIRES, G. de L. Reflexões sobre a imagem e a Fotografia: possibilidades na pesquisa e no ensino da Educação Física. *Motrivivência*, Florianópolis, ano 22, n. 34, p. 72-86, 2010.

MACHADO, D. F. C. *A imagem do destino turístico, na percepção dos atores do trade turístico:* um estudo da cidade histórica de Diamantina/MG. Dissertação (Mestrado em Administração), Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, Brasil, 2010.

MAGALHÃES, C. F. *Diretrizes para o Turismo Sustentável em Municípios*. São Paulo: Ed. Roca, 2002.

MARTINS, S. R. O. *Desenvolvimento local*: questões conceituais e metodológicas. *Interações,* Campo Grande, v. 3, n. 5, 2002. Disponível em : <https://www.interacoes.ucdb.br/interacoes/article/view/570>. Acesso em: 28 jan. 2022.

MEIRINHO, D. Olhares do saber e do fazer: O uso do método Photovoice como instrumento para a literacia visual com jovens em contextos de exclusão e vulnerabilidade. In: M. J. Brites.; A. Jorge.; S. C. Santos (Org.). *Metodologias Participativas:* Os media e a educação. Covilhã, Portugal: Livros LabCom, 2015. p. 203-212.

MEIRINHO, D. *Olhares em Foco:* Fotografia participativa e empoderamento juvenil. Covilhã, Portugal: Livros LabCom, 2016.

MIRANDA, K. A. Os afetos e a disposição para a ação política em torno da remoção: o caso de Vargem Grande/ RJ. In: *ENCONTRO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM CIÊNCIAS SOCIAIS (ANPOCS)*, 43., 2019, Caxambu. *Anais...* São Paulo: *ANPOCS,* 2019.

MOREIRA, A. R. C. P. *O uso da fotografia na formação em serviço de educadores de creche*. *Criar Educação,* Criciúma, Edição Especial II Congresso Ibero-Americano de Humanidades, Ciências e Educação, 2016.

MOURA, J. D. P.; SANTANA, D. A. A reeducação do olhar por meio de fotografias socioambientais. In: ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS DA IMAGEM, 4./ ENCONTRO INTERNACIONAL DE ESTUDOS DA IMAGEM, 1., 2013, Londrina. *Anais...* Londrina: LEDI, 2013. Disponível em: <http://www.uel.br/eventos/eneimagem/2013/anais2013/trabalhos/pdf/Jeani%20Delgado%20Paschoal%20Moura%20e%20Deisihany%20A%20Santana.pdf>. Acesso em: 28 jan. 2022.

OLIVEIRA, C. T. F. de; ZOUAIN, D. M. *Gestão Social e Turismo:* Ensaio sobre a Gestão Pública do Turismo Brasileiro. Rio de Janeiro: FGV, 2008.

OLIVEIRA, C. A. F. de; BLOS, W. da S. Ecoturismo: desenvolvimento, comunidades tradicionais e participação. *Caderno Virtual de Turismo,* Rio de Janeiro, v. 12, n. 2, p. 137-151, 2012.

PEREIRA, C. de F. Pensar e agir como Quilombola: O caso da comunidade remanescente de Quilombo da Rasa. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE GEOGRAFIA URBANA, 13., 2013, Rio de Janeiro. *Anais...* Rio de Janeiro, 2013.

PEREIRO, X. Imagens e narrativas turísticas do "outro": Portugal-Galiza, Portugal- Castela e Leão. In: PARDELLAS, X. (Dir.). *Turismo e natureza na Eurorrexión Galicia e norte de Portugal.* Vigo: Universidade de Vigo, 2005. p. 57-79.

PERINOTTO, C. Investigando a comunicação turística de Parnaíba/PI-Brasil:Internet e redes sociais, descrição e análise. *TURyDES*, v. 6, n. 15, 2013.

PINHÃO, A. O.; TREVIZAN, S. D. P. Cultura e turismo: imagem dos índios Tupinambá sobre Olivença. *Interações*, Campo Grande, v. 7, n. 11, p. 121-127, 2005 .

RAFFESTIN, C. *Por uma geografia do poder*. M. C. França (Trad.). São Paulo: Ática, 1993.

RAIMUNDO, S. *Em busca da sustentabilidade perdida:* lazer e turismo diante das desigualdades socioambientais. Curitiba: Appris, 2019.

RÊGO, G. S. M. M.; FERNANDES, J. L. J. A topofilia dos cidadãos para com o patrimônio natural urbano: O caso da cidade de Coimbra. *GeoTextos*, Salvador, v. 8, n. 1, p. 11-32, 2012.

RIO DE JANEIRO. Fundação Centro Estadual de Estatísticas, Pesquisas e Formação de Servidores Públicos do Rio de Janeiro (CEPERJ). *Mapa das Regiões de Governo e Municípios.* 2013. Disponível em: <http://www.ceperj.rj.gov.br/ceep/info_territorios/Reg%20Gov_2013.pdf>. Acesso em: 28 jan. 2022.

RODRIGUES, Milena Manhães. *Rasa e as imagens do turismo*: olhares quilombolas (Armação dos Búzios - RJ). 168 f. Dissertação (Mestrado em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social) – Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2019.

SANTANA, C. S. C. M.; NASCIMENTO, M. A. L.; MARQUES JÚNIOR, S. Fatores que afetam o apoio dos residentes ao desenvolvimento do turismo em áreas naturais protegidas. *Revista brasileira de pesquisa em turismo*, n. 14, p. 156-172, 2020.

SILVA, C. M. A. da. A *Imagem dos destinos turísticos de montanha:* olhares dos residentes e dos turistas. Tese (Doutorado em Turismo) – Universidade de Aveiro, Portugal, 2011.

SILVA, R. A. da; FREITAS, R. O. de. Fotografia e sociedade: a utilização das técnicas e estéticas fotográficas como dispositivo de inclusão social. In: ENCONTRO DE ESTUDOS MULTIDISCIPLINARES EM CULTURA, 5, 2009, Salvador. *Anais ENECULT...* Salvador: Centro de Estudos Multidisciplinares em Cultura (CULT), 2009.

SILVA, L. N.; KOLLER, S. H. O uso da fotografia na pesquisa em Psicologia. *Estudos de psicologia,* Natal, v. 7, n. 2, p. 237-250, 2002.

SILVA, M. L. da; PERINOTTO, A. R. C. A imagem do destino turístico como ferramenta de diferenciação e promoção do turismo: Caso de Barra Grande/PI–Brasil. *Pasos:* Revista de Turismo y Patrimonio Cultural, La Laguna (Tenerife): España/Maia: Portugal, v. 14, n. 2, p. 417-431, 2016. Disponível em: <http://www.pasosonline.org/Publicados/14216/PASOS47.pdf#page=117&gt>. Acesso em: 28 jan. 2022.

SOARES, A.; MILITO, M.; SILVA, V. H. da; ALEXANDRE, M. Photovoice como técnica para um turismo participativo: Uma proposta de aplicação em Maragogi – AL. *Revista Turismo & Desenvolvimento*, Aveiro, Portugal, n. 27/28, p. 473-482, 2017. Disponível em: <http://revistas.ua.pt/index.php/rtd/article/view/6831/5340&gt>. Acesso em: 28 jan. 2022.

SOLHA, K. T. *Divulgação de imagens turísticas:* o exemplo de Porto Seguro (Bahia). Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1999.

SOUZA, M. de F. A. C. de. *Natal como destino turístico:* um estudo das imagens (re)veladas pela mídia, pelos turistas e suas implicações educacionais e culturais. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2006.

TUAN, Yi-Fu. *Topofilia:* Um Estudo da Percepção, Atitudes e Valores do Meio Ambiente. 2. ed. São Paulo: Difel, 1980.
TUAN, Yi-Fu. *Espaço e Lugar:* a perspectiva da experiência. São Paulo: Difel.
URRY, J. *O olhar do turista*. São Paulo: Studio Nobel, 1996.
WANG, C.; BURRIS, M. A. Photovoice: Concept, methodology, and use for participatory needs assessment. *Health education & behavior*, v. 24, n. 3, p. 369-387, 1997.

NOTAS EXPLICATIVAS

[1] Os símbolos podem ser materiais e congregar sentimentos e ideias (Costa, 2003). Os geossímbolos abarcam essa noção especializada e coletiva, compreendendo "uma forma de linguagem, um instrumento de comunicação partilhado por todos e, em definitivo, o lugar onde se inscreve o conjunto da visão cultural" (Bonnemaison, 2002, p. 124).

[2] "É a experiência conceitualizada. Ela é parcialmente pessoal, em grande parte social". (Tuan, 1980, p. 4-5).

[3] Em dezembro de 2019, Adriano foi eleito Presidente da Associação e cumpre esse mandato.

Recebido em fevereiro de 2022
Aceito em abril de 2023